



MINHA LUTA CONTRA MEUS DESEJOS

Os ferimentos ardiam, os cortes aparentavam incuráveis, e as dores estavam presentes por todo o meu corpo. O ar de reprovação e preocupação de minha mãe, enquanto fazia os curativos, parecia me martelar o peito. Eu também sentia pancadas na cabeça, decorrentes dos socos e empurrões. Sentia dificuldade de respirar, e a dor era maior do que parecia; enquanto me concentrava para segurar o choro, eu esquecia os pontos e hematomas. Estava cansado de ser incompreendido, descartado ou posto como aberração. Eu não tinha amigos, nem paz. Já estava ciente de que não poderia esperar da vida calma e dignidade e de que meus dias seriam frequentes lutas contra mim e meus desejos.

Eu não queria a cura para a minha doença; aquilo nem era uma doença, era de mim, do meu corpo, meus sentidos e sentimentos. Eu queria a cura para a doença das outras pessoas, que me olhavam com semblante de corretas e justas, enquanto eu era o pecador, mundano e indigno. Na verdade, eu queria a cura para o preconceito, a exclusão, e eu só tinha dezenove anos.

Eu também queria trabalhar, prestar vestibular, frequentar uma universidade e conhecer um amor puro que me fizesse bem. Almejava uma família, queria frequentar lugares públicos, esbanjando sorrisos. Ter domingos ao lado de amigos, ou sábados ao lado de gente interessante.

Mas, naquele momento, eu precisava ficar sozinho e em silêncio, comigo e meu vazio; o mundo não mudaria por mim, eu precisava me adaptar, mas não agora. Meu primeiro obstáculo era esquecer a violência e injustiça que sofri sem saber direito o motivo. Deveria esquecer os deboches e reprovações. Buscar, pelo menos, parte da felicidade que um dia eu sonhei alcançar.

Bruna Caetano Pereira
3º ano do Médio / Itajaí
2013